



DA INFÂNCIA QUE AINDA MORA EM MIM

Gabriela Dos Reis Silva¹

É no quintal as árvores já guardavam segredos, foi na fazenda que a infância aprendeu a ser inteira.

Lá, tudo parecia maior, mas não maior de tamanho — maior de sentido. O céu se abria sem pressa, o vento passava livre, e o tempo... o tempo não corria como hoje. Ele se deitava devagar entre uma brincadeira e outra, como se soubesse que ali ninguém estava com pressa de crescer.

E, ainda assim, a gente tinha.

Às vezes, existia uma vontade apressada de ser grande, de alcançar logo aquilo que nem sabíamos direito o que era. Crescer parecia bonito, distante, quase um prêmio. A gente não sabia que, junto com o tempo, algumas coisas ficariam pelo caminho.

Porque, naqueles dias, viver já era tudo.

Acordar na fazenda era diferente. Não tinha despertador, nem correria. Era o barulho dos passarinhos, o cheiro do café vindo da cozinha, a luz entrando pelas frestas da janela. O corpo despertava devagar, como quem não precisava disputar espaço com o tempo.

E o dia começava sem ser anunciado. A gente só ia.

Pé no chão, sentindo a terra, sem medo de sujar, sem medo de se perder. O mato não assustava

— chamava. Cada caminho parecia prometer alguma descoberta, mesmo que fosse pequena. E quase sempre era.

Subir em árvore era um dos primeiros desafios do dia. Escolher qual, testar o tronco, encontrar apoio, confiar. O coração batia mais forte não de medo, mas de alegria. Era como se cada subida fosse uma conquista silenciosa, um segredo entre a gente e a árvore.

Lá de cima, o mundo mudava.

As coisas pareciam menores, mais distantes, mais leves. O vento batia no rosto como quem contava histórias, e a gente acreditava, mesmo sem entender direito. Talvez porque a infância não precise entender — ela só sente.

E sentir já basta.

¹ Acadêmica do curso de pedagogia; gabrieladosreissilva6@gmail.com



Descer da árvore quase sempre levava a outro caminho. Às vezes, direto para o pomar. E ali começava outro tipo de aventura: escolher a fruta no pé. Não qualquer uma, mas a mais bonita, a mais madura, aquela que parecia ter sido guardada só para aquele momento.

A gente esticava o braço, colhia, limpava na roupa mesmo — quando limpava — e comia ali, sem cerimônia. O gosto era diferente. Não era só doce. Era liberdade.

Era pertencimento.

Era a sensação de que o mundo estava ao alcance das mãos. E então vinha o rio.

Ah, o rio...

Ele não era só água passando. Era convite. Era brincadeira pronta. Era lugar de encontro. A gente chegava correndo, parava na beirada só o tempo de sentir o frio com o pé, e logo já estava dentro, mergulhando, rindo, chamando quem estivesse por perto.

A água gelada fazia o corpo estremecer no começo, mas depois virava parte da gente. O tempo ali se dissolvia. Ninguém perguntava a hora. Ninguém queria ir embora.

A cachoeira tinha outro tipo de magia. A força da água caindo, o barulho constante, quase como uma música antiga. Ficar debaixo dela era um desafio e, ao mesmo tempo, uma entrega. A gente se sentia forte e pequeno ao mesmo tempo.

E era bom.

Na beira do rio, o barro virava mundo. A gente se sentava no chão e começava a criar. Panelinhas, pratinhos, comidinhas inventadas. Tudo feito com cuidado, com atenção, com um tipo de dedicação que hoje parece rara.

Era brincadeira, mas era sério. Muito sério.

Brincar de casinha no meio do mato era construir um lugar dentro do nada. Galhos viravam paredes, folhas viravam telhado, e qualquer cantinho se transformava em lar. Não importava se no dia seguinte aquilo não existiria mais.

Naquele momento, existia. E isso bastava.

Às vezes, a gente ia mais longe.



Andar a cavalo era uma dessas experiências que faziam o mundo parecer maior. O movimento, o ritmo, o som dos passos no chão, o vento mais forte no rosto. Era uma liberdade diferente, mais ampla, como se a gente pudesse ir além do que os olhos alcançavam.

E, quando a coragem aumentava, vinha a ideia de acampar.

Na beira da lagoa, tudo ganhava outro ritmo. Montar barraca improvisada, deitar no chão, olhar o céu cheio de estrelas. O silêncio da noite não era vazio. Era cheio de sons que a gente aprendia a reconhecer aos poucos.

O escuro não assustava tanto.

Talvez porque a gente ainda não tivesse aprendido a ter medo de tudo.

E, no meio de tantas aventuras, existiam os momentos que pareciam pequenos, mas que hoje são os que mais ficam.

O doce caseiro sendo feito devagar, mexido no tacho, o cheiro tomando conta da casa. A espera parecia longa, mas era uma espera boa, cheia de expectativa. E, no final, vinha o melhor: raspar o tacho.

Era simples. Mas era tudo.

Assim como acordar cedo e tomar café. O leite com toddy, o pão fresquinho, às vezes ainda quente. Sentar-se sem pressa, sem olhar para o relógio, sem dividir atenção com mais nada.

Só estar ali.

Só viver aquilo.

Hoje, quando olho para a vida, tudo parece rápido demais. Os dias passam corridos, cheios de coisas, mas nem sempre cheios de sentido. Às vezes, a gente faz muito... e sente pouco.

E é estranho perceber isso.

Porque, lá atrás, com tão pouco, a gente sentia tudo.

Às vezes, tínhamos pressa em crescer, como se o futuro guardasse algo maior do que aquilo que já vivíamos. Não sabíamos que, nesse caminho, ficaríamos um pouco mais distantes de certas coisas. O sabor da infância, por exemplo — esse gosto simples, verdadeiro, que não se repete.

Ficaram para trás as árvores escaladas sem medo, os pés sujos de terra, os joelhos marcados, a liberdade de imaginar grandeza no que era pequeno.

Ficou para trás aquela capacidade de transformar o pouco em tudo. E talvez seja isso que mais faz falta.



Não exatamente o lugar, nem só as lembranças, mas o jeito de viver. A forma como o tempo era sentido, como cada momento parecia suficiente, como a vida não precisava de muito para ser inteira.

Hoje, a gente busca.

Busca tempo, busca sentido, busca descanso.

Mas talvez o que esteja faltando não seja algo novo. Talvez seja só lembrar.

Lembrar que um dia já soubemos viver sem pressa. Que já encontramos felicidade no simples, no pequeno, no improvisado. Que já fomos capazes de transformar uma tarde qualquer em algo inesquecível.

A infância pode até ter passado rápido. Mas, dentro dela, o tempo era lento.

E cheio.

E talvez crescer não seja esquecer isso. Talvez seja, aos poucos, tentar voltar. Nem que seja só um pouco.

Nem que seja só dentro da gente.